



GUERRA SACRA, GUERRA PENITENCIAL E AS DISPUTAS RELIGIOSAS PELOS ESPAÇOS SAGRADOS

SACRED WAR, PENITENTIAL WAR AND AS RELIGIOUS DISPUTES FOR SACRED SPACES

Andrei Roberto da Silva*

Universidade Regional de Blumenau – FURB

andreiroberto92@hotmail.com

Ecce quam bonum et quam incundum

Habitare fratres in unum!

[Oh! Quão bom e quão agradável

habitarem os irmãos em união!]

(Salmo 133,1)



www.revistafenix.pro.br

O autor Jonathan Riley-Smith (1938-2016) foi um destacado medievalista inglês. Formou-se em Cambridge, lecionou em St. Andrews, foi diretor de estudos no *Queen's College*, professor de História Medieval no *Royal Holloway College* de Londres e por fim, de volta em Cambridge, catedrático de História Eclesiástica. Foi membro fundador e, posteriormente, presidente da Sociedade para a História das Cruzadas e do Oriente Médio e suas obras figuram entre as contribuições mais relevantes para o estudo das cruzadas no século XX. Como consequência de seu trabalho nas funções de autor e editor, resultaram 17 livros, inúmeros capítulos e artigos em publicações diversificadas, conferências para especialistas e leigos. Riley-Smith foi

* Graduado em Teologia pela Católica de Santa Catarina - Joinville. Com especialização em Ciências da Religião pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras - FACEL e especialização em História da Igreja pela Católica de Santa Catarina - Joinville. Participante do LABEAM - Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais vinculado a Universidade Regional de Blumenau - FURB. Mestrando na área de Educação, vinculada à linha de pesquisa de Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais da Universidade Regional de Blumenau FURB. Atualmente é professor da disciplina de Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Educação de Itajaí e professor do curso de pós-graduação *latu sensu* em História da Igreja da Católica de Santa Catarina em Joinville.

também Cavaleiro da Ordem de Malta e Bailio Grã-Cruz da Venerável Ordem do Hospital de São João de Jerusalém (RILEY-SMITH, 2019).

De início é importante sublinhar que o livro de Jonathan Riley-Smith (2019), com o título original *The Cruzades: A History* possui três edições na língua inglesa. A primeira edição foi lançada no ano de 1987 na cidade de Londres pela editora *Continuum International Publishing Group Ltd*. A segunda edição foi relançada pela mesma companhia editorial no ano de 2005. E a terceira edição saiu em Londres no ano de 2014 pelo grupo *Bloomsbury Publishing*, editora que comprou os direitos da empresa *Continuum International Publishing Group Ltd* no ano de 2005.

No Brasil, a obra **As Cruzadas: uma história** foi lançada em língua portuguesa pela Editora *Ecclesiae* situada na cidade de Campinas, pertencente ao estado de São Paulo. Sendo assim, o trabalho de tradução dessa obra para a Língua Portuguesa é importante para inserir o leitor brasileiro, ou o leitor de língua portuguesa em geral na discussão do tema das cruzadas.

Há que se ressaltar aqui um aspecto fundamental, para o autor a obra é uma tentativa de satisfazer as escolas e universidades que concentram seus ensinamentos nas cruzadas para o oriente nos dois primeiros séculos do movimento, e ainda dar espaço para os conflitos que aconteceram entre os séculos XVI, XVII e XVIII, que segundo o autor, são pouco explorados. Para ele, pouco se sabe acerca das cruzadas na região báltica e na Península Ibérica. Afirma “Apenas uma parte irrisória das evidências fornecidas pela arte e pela literatura vernácula foi absorvida pela historiografia” e ainda “Sobre as questões referentes a estudos econômicos adequados do movimento das Cruzadas, existe uma fenda, poucos materiais foram produzidos até o presente momento”.

Ademais, o livro conta com 546 páginas, compondo no primeiro momento um sumário indicando a estrutura e as principais divisões da obra como: Caixas de texto, mapas, ilustrações, prefácio e introdução. Logo em seguida podemos observar que o conteúdo do livro é dividido em 11 capítulos que narram aspectos característicos do evento Cruzadas seguindo uma cronologia. Na introdução, o autor descreve o debate historiográfico da década de 1950, no qual os historiadores consideravam cruzadas autênticas, apenas os eventos que partiram da Europa Ocidental com a finalidade de recuperar e defender Jerusalém. Considerava-se que as cruzadas haviam terminado com a queda das últimas cabeças nas praias da Palestina e na Síria para o Islã em 1291.

Campanhas em outros teatros de operações como a Península Ibérica ou a região báltica, ou contra inimigos internos da Igreja, como hereges, podiam ser chamadas imprecisamente de cruzadas, mas por serem de outra ordem, raramente se prestava atenção a elas.

Ainda apontado no item da introdução, Riley-Smith (2019) descreve algumas reflexões resultantes em questionamentos com relação as motivações que ocasionaram as cruzadas, cujo o autor vai se preocupar em esclarecer no decorrer dos próximos capítulos do livro:

O que motivou milhares de leigos franceses, ingleses, alemães e italianos abastados a abandonar suas existências diárias e arriscar tudo, inclusive a própria vida, do outro lado do mundo conhecido? Como o papado justificou uma inovação tão radical, subversiva, em termos de teologia cristã? Como essa extraordinária concatenação de ideias e eventos foi moldada em uma estrutura institucional para sustentar as consequências territoriais dessa transformação na geopolítica? Como foi então implantado para legitimar a violência cristã em outro lugar? (RILEY-SMITH, 2019, p. 44).

Com efeito, no primeiro capítulo, Riley-Smith (2019) faz uma definição do que era Guerra sacra e Guerra penitencial para a mentalidade do período do século XII e XIII. A Guerra sacra é descrita tomando como exemplo as pregações de Jacques de Vitry¹, que fez sermões aos Cavaleiros Templários na cidade de Acre no século XIII. Para Jacques de Vitry os soldados cristãos tinham o dever de combater as ameaças que vinham do demônio e seus agentes: idólatras, pagãos e hereges, ou seja, ele justificava a violência cristã com argumentos teológicos retirados do *Decretum*² de Graciano, texto padrão de lei canônica e de algumas passagens do Antigo e Novo testamento da Bíblia. Já a Guerra penitencial é definida como um ato de “remissão dos pecados” e foi propagada a partir do ano de 1080 pelo Papa Gregório VII³. Era uma pregação que exigia dos cristãos o serviço a Deus pelas suas armas da parte de um soldado devoto que respondia a um comando divino.

¹ Foi um teólogo, cronista e cardeal da França. Nasceu em Reims no ano de 1170 e faleceu em Roma, 1240.

² É uma obra de direito canônico que compila a totalidade das normas canônicas existentes desde os séculos anteriores, muitas delas contraditórias entre si. O seu autor foi o monge e jurista Graciano, que a redigiu entre 1140 e 1142.

³ O Papa São Gregório VII, nascido Hildebrando, (nasceu em Sovana, Itália 1025 – falecimento em Salerno, 25 de maio de 1085) foi o 157º papa da Igreja Católica de 22 de abril de 1073.

Desta forma, no segundo capítulo o autor descreve os motivos que levaram a Primeira Cruzada, indicando que em março de 1095 a embaixada do imperador bizantino Aleixo I apareceu em um concílio da Igreja de Piacenza, presidido pelo Papa Urbano II. A embaixada pedia ajuda contra os turcos, cujo avanço pela Ásia Menor os trouxera perto de Constantinopla, a uma distância que lhes permitia atacar facilmente a cidade, além de detalhar o surgimento das ordens militares como os Hospitalários e Templários.

Na sequência, no terceiro e quarto capítulo da obra vai se preocupar em detalhar a primeira expedição para o Oriente Médio, descrevendo as inúmeras dificuldades em percorrer uma enorme distância com um grupo numeroso de pessoas. Os saques a reinos que ficavam no caminho na região, fizeram parte da trajetória dos exércitos cristãos. Também podemos mencionar os locais sagrados e o estabelecimento da Igreja Latina nas cidades de Antioquia e Jerusalém. Por outro lado, no quinto e sexto capítulo, a narrativa do autor descreve a Segunda Cruzada, mencionando os assentamentos latinos no Oriente Médio, as administrações, a economia, os peregrinos, as edificações que surgiram com os reis Balduíno I ao Balduíno V, a Batalha de Hattin e a perda de Jerusalém.

Dentro dessa perspectiva, no sétimo e oitavo capítulo o livro foca a Terceira, a Quarta Cruzada, as cruzadas bálticas, a Cruzada Albigense, a Cruzada das Crianças, a pregação e o curso da Quinta Cruzada, a Cruzada de Frederico II, A Cruzada dos Barões, a primeira e a segunda Cruzada de São Luís, Cruzadas na Prússia e na Livônia, as primeiras contra os mongóis, Cruzadas contra os hereges e Cruzadas na Ibéria. Já o nono e o décimo capítulo vão relatar como permaneceram os colonos latinos que ficaram sob o domínio das políticas muçulmanas nos territórios da região da Palestina. É importante ressaltar a descrição da conquista de Granada na Península Ibérica e a invasão da África setentrional.

Por fim, no décimo primeiro parágrafo Riley-Smith (2019) faz um breve comentário sobre a morte do movimento das cruzadas entre os anos de 1523-1892, como terminaram as ordens militares e os problemas modernos com o Islã dividindo em tópicos pontuais como: a Reforma, Ordens religiosas-militares, África setentrional, Os Hospitalários de São João e Malta, Paracruzadas e pseudocruzadas na era do Imperialismo e A contracruzada islâmica moderna.

No decorrer da obra, o autor colocou mapas das localidades importantes dos contextos descritos como a cidade de Jerusalém, corredores marítimos do Mediterrâneo, Grécia, Ásia Menor Ocidental, Palestina, Síria, Chipre, Egito, França e a Península Ibérica. Os mapas identificam as rotas seguidas pelos peregrinos e cavaleiros para conquistar Jerusalém. Também é anexado ao livro, fotos atuais dos cenários históricos, como a Igreja do Santo Sepulcro, Crac des Chevaliers, Mesquita Al-Aqsa, Castelos da Ordem dos Templários, instalações da Ordem dos Hospitalários e os campos arqueológicos que revelam que os assentamentos Latinos tinham plantações de cana de açúcar na costa da Palestina. Nota-se uma descrição detalhada de alguns personagens históricos como: Bernardo de Claraval, Saladino, Guy de Lusignan, Sibila de Jerusalém, Renaud de Châtillon, Balduíno IV o jovem rei leproso, Guilherme Arcebispo de Tiro, Jacques de Vitry, Hugo de Chaumont-Sur-Loire, João de Joinville, Felipe Daubeny, papa Urbano II etc.

Seu interesse principal sempre foi o que as pessoas pensavam, se o fervor espiritual incipiente dos cruzados leigos analfabetos ou as contorções teológicas e jurídicas elaboradas dos papas e seus conselheiros, ou versões popularizadas deste último, criadas pelos pregadores da cruzada, que despertaram com sucesso o primeiro. Sua fé católica devota, deu-lhe uma visão clara da mentalidade, mas não o fez, de forma alguma, um apologista.

Em suma, a obra do estimado autor, pode auxiliar os leitores iniciantes no assunto das Cruzadas, como também fazer contribuições para pesquisas avançadas de especialistas na temática. A linguagem empregada na narrativa é muito compreensível, facilitando o processo de interpretação das motivações que impulsionaram os conflitos. Possui notas explicativas, e na parte final conta com inúmeras indicações de bibliografias específicas dentro de cada contexto e evento abordado no livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MCBRIEN, Richard P.; LAMBERT, Barbara Theoto. **Os papas:** de São Pedro a João Paulo II. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

RILEY-SMITH, Jonathan. **As cruzadas:** uma história. Tradução de Jonathas Castro. Campinas, SP: Ecclesiae, 2019

RECEBIDO EM: 16/06/2020

PARECER DADO EM: 05/10/2020